

Mapeamentos da memória: Porto Alegre nas crônicas de Lupicínio Rodrigues no jornal Última Hora (1963)

Júlio Paulo de Souza Câmara¹

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo

O artigo analisa as crônicas de Lupicínio Rodrigues publicadas no Última Hora entre fevereiro e dezembro de 1963, com foco na relação do cronista com Porto Alegre. Com base na análise da narrativa (Culler, 1999), examina-se a construção do narrador, a imagem da cidade nos textos e seus deslocamentos urbanos. Apoiado em Pesavento (2004), Sanseverino (2002) e Bulhões (2007), identifica-se um narrador memorialista que articula memória e crítica social. As crônicas traçam um mapeamento afetivo da cidade, voltado a territórios populares e experiências subalternas. A pesquisa revela a crônica como forma de resistência ao apagamento de memórias negras e periféricas. O artigo retoma parte das discussões desenvolvidas no Trabalho de Conclusão de Curso do autor, defendido em 2021 no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Palavra-chave: crônica; narrativa; Lupicínio Rodrigues; jornal; cidade.

1. Introdução

Esta pesquisa estuda as crônicas de Lupicínio Rodrigues publicadas no jornal Última Hora entre fevereiro e dezembro de 1963. A questão que guia o estudo é: qual a relação do cronista Lupicínio com a cidade? A proximidade do autor com Porto Alegre, onde nasceu e morreu, e a recorrência da abordagem de assuntos relacionados à história da cidade, na maioria das vezes em retrospectiva, também contribuíram para a escolha do tema que envolve a cidade, o jornal Última Hora e a crônica.

Lupicínio Rodrigues nasceu em Porto Alegre em 1914 e morreu na mesma cidade em 1974. Foi compositor e cantor autor de canções marcantes da música popular brasileira, interpretadas por nomes como Gal Costa, Caetano Veloso, Jamelão e Linda Batista. Ao assumir o posto de cronista, Lupicínio insere-se no universo da imprensa em um momento de grandes transformações em Porto Alegre. A cidade vivia processos de modernização e reordenamento de seu espaço físico, que incluíam a remoção de bairros populares, como a Ilhota, onde o autor viveu a infância, a expansão das avenidas e a verticalização das áreas

¹ Jornalista e Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: julioscamara@gmail.com

centrais. Essas ações, justificadas em nome dos projetos burgueses de urbanização, resultaram no apagamento de territórios e memórias ligados à população negra e empobrecida da capital (PESAVENTO, 2004; OLIVEIRA, 2002).

Nesse contexto, a crônica torna-se uma ferramenta de preservação da cidade vivida, atuando como resistência à homogeneização dos discursos urbanos. A escolha de Lupicínio como cronista pelo *Última Hora*, um jornal de perfil político-popular, fundado por Samuel Wainer e identificado com o projeto trabalhista de Getúlio Vargas, também não é aleatória. O periódico gaúcho, desde sua fundação em 1952, teve papel político destacado. Em 1961, durante a crise democrática, esteve à serviço do movimento da legalidade² liderado pelo governador gaúcho Leonel de Moura Brizola.

A atuação de Lupicínio como cronista se articula, portanto, a um projeto editorial minimamente aberto a expressões culturais periféricas e ao tensionamento das versões oficiais da cidade. Sua condição de sujeito negro, boêmio e atento ao cotidiano dos bairros populares confere às crônicas um ponto de vista específico sobre Porto Alegre, um olhar que transita pela memória.

Nesta pesquisa buscamos compreender a crônica como gênero; contextualizar as crônicas de Lupicínio no jornal *Última Hora*; sistematizar elementos sobre o narrador cronista; relacionar o narrador cronista com os dados biográficos do autor e com as transformações da cidade de Porto Alegre; e aferir as representações de Porto Alegre e o modo como o cronista se movimenta na cidade.

O corpus da pesquisa é composto por onze crônicas de Lupicínio Rodrigues publicadas no *Última Hora* entre fevereiro e dezembro de 1963, selecionadas com base em uma amostragem mensal. No acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa estão disponíveis as edições do jornal que publicaram as colunas do autor, totalizando 42 crônicas.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos a análise da narrativa, a partir da compilação de Jonathan Culler (1999), para desenvolver as etapas analíticas do estudo. Em seguida, abordamos a crônica como gênero e sua relação com o jornalismo e o desenvolvimento urbano, com base nas obras de Sanseverino (2002), Bulhões (2007), Candido (1992), Arrigucci Jr. (1987), Golin e Cruz (2021). A apresentação do autor e a

² ¹ Durante o Movimento da Legalidade, deflagrado em agosto de 1961 após a renúncia de Jânio Quadros, o *Última Hora* de Porto Alegre teve participação ativa ao lado de Leonel Brizola, publicando edições extras, acompanhando os desdobramentos da crise e reforçando o apelo popular em defesa da posse constitucional do vice-presidente João Goulart. O jornal desempenhou, assim, um papel relevante na articulação da resistência civil.

contextualização histórica, política e cultural de Porto Alegre no período estudado são feitas com base nas contribuições de Márcia Ramos de Oliveira (1995; 2002), Marcello Campos (2014), Mário Goulart (1984), Jefferson Barros (1999), Hohlfeldt e Buckup (2002) e Sandra Pesavento (1991; 2004). Por fim, analisamos as crônicas buscando descobrir quem é o narrador cronista, qual a representação da cidade que ele constrói e como ele se movimenta por ela.

2. A crônica, o jornalismo e a cidade

A crônica é um gênero que ocupa um lugar particular no universo literário e jornalístico brasileiro, caracterizado por sua flexibilidade formal e por seu vínculo com o cotidiano. Trata-se de um texto breve, geralmente publicado em jornais ou revistas, que se estrutura a partir da observação de um fato, situação ou sensação, sendo atravessado por marcas de subjetividade e estilo pessoal.

Para Antonio Sanseverino (2002), a crônica é um gênero em trânsito, que se situa entre o jornalismo e a literatura, e que carrega consigo a efemeridade da imprensa e a permanência da linguagem literária. O autor destaca que ela surge no Brasil como parte do processo de consolidação da imprensa e da urbanização das grandes cidades, tendo como cenário privilegiado o espaço urbano e como matéria-prima o cotidiano.

Marcelo Bulhões (2007) caracteriza a crônica como uma “literatura da experiência”, que se alimenta da vida comum e devolve ao leitor uma reflexão sensível sobre o mundo à sua volta. A crônica opera, assim, como um tipo de mediação simbólica entre o sujeito que observa e a cidade que se transforma, entre a memória e o presente.

Antonio Candido (1992) também sublinha o papel da crônica como um gênero menor em termos formais, mas maior em termos culturais, justamente por sua capacidade de se manter próxima da vida ordinária, estabelecendo uma comunicação direta com o leitor. A simplicidade, a oralidade, o tom confessional e a proximidade com o público são traços distintivos que fazem da crônica um gênero ao mesmo tempo acessível e sofisticado.

Davi Arrigucci Jr. (1987) observa que o cronista é, muitas vezes, um flâneur, ou seja, o caminhante atento, que capta os pequenos sinais da vida urbana e os transforma em texto. O cronista colhe fragmentos do real e os organiza em uma forma híbrida, que permite o entrelaçamento de observação, memória e invenção.

Por fim, Golin e Cruz (2021) reafirmam que a crônica deve ser compreendida como um espaço de trânsito entre campos: o literário, o jornalístico, o cultural e o político. Seu

compromisso com o cotidiano não a limita, mas amplia suas possibilidades de leitura e análise, permitindo abordagens que considerem tanto os aspectos formais do texto quanto os modos de inserção social e cultural do autor.

Esses referenciais sustentam a análise das crônicas de Lupicínio Rodrigues, entendidas aqui como manifestações de um olhar particular sobre a cidade, produzidas em um momento específico da história de Porto Alegre.

3. Lupicínio Rodrigues, o jornal Última Hora e a cidade em transformação

Lupicínio Rodrigues nasceu em Porto Alegre em 1914 e morreu na mesma cidade em 1974. Reconhecido como compositor, cantor e cronista da dor de cotovelo, ele foi também uma figura presente na vida urbana porto-alegrense, especialmente no universo da boemia. Sua infância e juventude transcorreram no bairro da Ilhota, espaço historicamente ocupado por população negra e empobrecida, que foi removido ao longo das décadas de 1950 e 1960 em nome da modernização urbana da capital gaúcha.

A trajetória de Lupicínio Rodrigues pode ser compreendida como um arco que conecta o jovem Lupi, onde começou a compor sambas ainda adolescente nos blocos carnavalescos do bairro, ao velho Lupi, já consagrado, que passa a frequentar e escrever sobre espaços outrora inacessíveis a ele e à população pobre de Porto Alegre, como o Theatro São Pedro. Ao longo desse trajeto, Lupi eternizou sucessos como Nervos de Aço, Esses Moços e Felicidade, interpretados por grandes nomes da música brasileira como Linda Batista, Gal Costa, Jamelão e Caetano Veloso. Esse deslocamento entre territórios e posições sociais articula o passado vivido e o presente observado, construindo uma narrativa em que o cronista maduro refaz o percurso do jovem.

A série de crônicas Roteiro de um Boêmio foi publicada no jornal Última Hora, fundado no Rio de Janeiro por Samuel Wainer em 1951. A edição gaúcha do periódico começou a circular em 1952, e desde o início assumiu uma linha editorial alinhada ao trabalhismo e ao projeto político de Getúlio Vargas. Segundo Jefferson Barros (1999), Última Hora foi um marco no jornalismo gaúcho por incorporar novos sujeitos sociais em sua pauta e linguagem, fazendo muito sucesso. O jornal abriu espaço para autores que escreviam distantes dos centros de poder.

A respeito da edição de Porto Alegre, Antonio Hohlfeldt e Carolina Buckup (2002) indicam que a Última Hora teve impacto relevante na imprensa local, ao tensionar a hegemonia de grupos conservadores e propor uma nova estética editorial. O jornal combinava cobertura política, esporte, cultura e colunas de opinião com linguagem acessível e tom popular.

Em 1960, Porto Alegre vivia um processo de expansão, verticalização e reordenamento do espaço urbano, impulsionado por discursos de progresso e modernização. Segundo Sandra Pesavento (2004), esse processo foi responsável por apagamentos significativos de memórias e espaços ligados à cultura popular, como a própria Ilhota. Márcia Ramos de Oliveira (1995; 2002) destaca que essa política urbana de remoção de vilas e favelas contribuiu para a reorganização racial e social da cidade, afastando moradores tradicionais das áreas centrais e redesenhando os mapas da presença negra na capital.

4. A escrita da cidade: narrador, urbanidade e deslocamento nas crônicas de Lupicínio Rodrigues

A análise das onze crônicas da série Roteiro de um Boêmio, publicadas por Lupicínio Rodrigues no jornal Última Hora ao longo de 1963, permite observar uma configuração narrativa singular, marcada pela articulação entre sujeito, memória e cidade. A partir da abordagem proposta por Jonathan Culler (1999), com ênfase na estrutura do enredo e nas estratégias de enunciação, buscou-se compreender como o cronista se apresenta, que representação de Porto Alegre constrói e de que modo se desloca pelos espaços urbanos.

A investigação foi organizada em três eixos: o narrador, a cidade e o movimento do cronista. Ao longo das crônicas, emerge uma dinâmica interna entre duas figuras complementares: o “velho Lupi”, sujeito enunciador que comenta, recorda e interpreta, e o “jovem Lupi”, personagem das memórias evocadas. Essa duplicidade construtiva permite à narrativa operar simultaneamente no plano da lembrança e da crítica, articulando o tempo vivido com os processos de transformação urbana.

4.1 O narrador e a dimensão memorial da escrita

O narrador que se apresenta nas crônicas assume uma postura confessional, construindo uma narrativa marcada pela experiência e pelo afeto. Trata-se do “velho Lupi”, sujeito maduro que revisita episódios da infância e juventude com distanciamento e

melancolia. Essa figura opera como um mediador entre tempos distintos, capaz de narrar a cidade como quem procura as histórias e os espaços prestes a desaparecer.

Na crônica “Carnaval do passado”, o velho Lupi lamenta que as novas gerações não tenham vivido as festas populares da sua juventude. Já em “Hoje vou falar de mim”, o tom é ainda mais pessoal: o narrador percorre lembranças familiares, musicais e sentimentais que explicam sua identidade. Em ambos os casos, há uma tentativa de inscrever no jornal uma memória coletiva a partir de experiências subjetivas.

A presença do “jovem Lupi”, frequentemente referido como protagonista das histórias, contribui para a dimensão vivencial da narrativa. É ele quem vive os episódios rememorados, como na crônica em que narra o início da carreira como compositor aos 12 anos, integrando a bandinha Furiosa. Essa duplicidade é central na construção narrativa: enquanto o jovem protagoniza a vivência da cidade, o velho é quem interpreta e preserva o passado por meio da escrita.

Esse uso da memória como estrutura narrativa insere as crônicas em uma tradição literária que, segundo Sanseverino (2002), transforma a efemeridade do cotidiano em matéria significativa. Na caneta de Lupicínio, a crônica adquire contornos de testemunho, onde o tom coloquial e a proximidade com o leitor simulam uma conversa no bar ou na calçada, dois espaços centrais no mapeamento construído pelo autor.

4.2 A cidade narrada: espaços subalternizados e mapeamento afetivo

A cidade que emerge das crônicas é uma Porto Alegre negra e periférica que resiste ao processo de modernização urbana dos anos 1960. O “velho Lupi”, ao evocar os espaços frequentados por sua versão mais jovem, reconstrói um mapeamento afetivo em contraponto ao apagamento simbólico que a modernização impõe à cidade. Em “Vigaristas da Ilhota”, a evocação do bairro de origem resgata a memória de uma comunidade extinta fisicamente, mas preservada na lembrança e na escrita. Essa memória urbana funciona como uma espécie de contra-arquivo, capaz de desafiar o esquecimento institucional. Em “Serenata”, por exemplo, o cronista relata as práticas de boemia interrompidas pela Lei do Silêncio, instituída para disciplinar a vida noturna da cidade. O velho narrador registra a serenata como prática cultural subjugada, enquanto o jovem Lupi surge como seu agente transgressor. A cidade, nesse contexto, é o cenário de um campo de disputa.

4.3 O deslocamento do cronista: entre tempos e territórios

Os deslocamentos do narrador pela cidade são também deslocamentos no tempo. Essa prática aproxima o cronista da figura do flâneur com um destaque: Lupicínio não observa a cidade de fora, mas a percorre como quem retorna a um lugar que já foi seu. O flâneur em Lupicínio é um sujeito cuja mobilidade é motivada pelo desejo de reencontro com o passado.

Nas crônicas, o “velho Lupi” caminha pela cidade que conhece bem, reorganizando camadas temporais que se sobrepõem à paisagem urbana. Em “Encontro marcado”, a busca por um antigo amor transforma a cidade em um espaço de expectativa e frustração, e o percurso narrativo passa a ser também emocional. A cidade é palimpsesto, como propõe Pesavento (2004), e a crônica se torna a ferramenta interpretativa para revelar suas camadas ocultas.

Considerações

A análise das crônicas da série Roteiro de um Boêmio permitiu compreender como Lupicínio Rodrigues constrói, em seus textos, uma relação com a cidade de Porto Alegre. Por meio do recurso narrativo da primeira pessoa, o cronista apresenta espaços, personagens e situações que marcaram sua trajetória e que constituem, também, uma memória coletiva de um tempo e de uma cidade em transformação. Como defende Pesavento (2004), a cidade pode ser lida como um palimpsesto, isto é, uma superfície sobre a qual sucessivas camadas de texto foram escritas, apagadas e reescritas, deixando marcas que podem ser interpretadas. As crônicas de Lupicínio Rodrigues operam justamente nesse regime de camadas: inscrevem a memória subalterna da cidade sobre a paisagem que se transforma, revelando os vestígios de uma Porto Alegre negra, boêmia e popular. O velho Lupi, ao escrever sobre os trajetos do jovem Lupi, atua como leitor e reescritor desse palimpsesto urbano, oferecendo aos leitores não apenas uma memória pessoal, mas uma memória que tensiona os apagamentos promovidos pela cidade.

Referências

- ARRIGUCCI, D. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 240 p.
- BARROS, J. **Golpe mata jornal: desafios de um tablóide popular numa sociedade conservadora**. Porto Alegre: Já Editores, 1999. 159 p.
- BULHÕES, M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007. 216 p.

CÂMARA, Júlio Paulo de Souza. **O tempo da cidade nas crônicas de Lupicínio Rodrigues: análise da série Roteiro de um Boêmio no jornal Última Hora**. 2021. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ufrgs.br/handle/10183/234832>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CAMPOS, M. **Almanaque do Lupi: vida, obra e curiosidades sobre o maior compositor popular gaúcho**. Porto Alegre: Editora da Cidade; Letra & Vida, 2014. 100 p.

CANDIDO, A. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. 356 p.

CULLER, J. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999. 144 p.

FONSECA, J. O boêmio definitivo. In: RODRIGUES FILHO, L. (Org.). **Foi assim: o cronista Lupicínio conta as histórias das suas músicas**. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 13.

GOLIN, C.; CRUZ, C. Jornalismo e flânerie na cidade mutante: o viés da nostalgia na crônica de Aquiles Porto Alegre (1848-1926). In: STRELOW, A. et al. (org.). **Primórdios da comunicação midiática no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Insular, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230249>. Acesso em: 31 out. 2024.

GOULART, M. **Lupicínio Rodrigues: o poeta da dor-de-cotovelo, seus amores, o boêmio e sua obra genial**. 2. ed. Porto Alegre: Tchê!, 1984. 100 p. (Coleção Esses Gaúchos).

HOHLFELDT, A.; BUCKUP, C. **Última Hora: populismo nacionalista nas páginas de um jornal**. Porto Alegre: Sulina, 2002. 255 p.

OLIVEIRA, M. R. de. **Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos**. 1995. 248 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/95054>. Acesso em: 31 out. 2024.

OLIVEIRA, M. R. de. **Uma leitura histórica da produção musical do compositor Lupicínio Rodrigues**. 2002. 304 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/96270>. Acesso em: 31 out. 2024.

PALMARES – Fundação Cultural. **Personalidades negras – Veridiano Farias**. Brasília, 30 set. 2013. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=30534>. Acesso em: 3 nov. 2021.

PESAVENTO, S. J. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, Florianópolis, v. 1, n. 11, p. 25-30, jan. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334>. Acesso em: 31 out. 2021.

PESAVENTO, S. J. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Editora da Universidade; UFRGS, 1991.

RODRIGUES FILHO, L. (Org.). **Foi assim: o cronista Lupicínio conta as histórias das suas músicas**. Porto Alegre: L&PM, 1995. 120 p.

ROSA, M. V. de F. **Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940**. 2008. 237 f. Dissertação (Mestrado em História) –

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14987>. Acesso em: 31 out. 2024.

SANSEVERINO, A. Entre o arcaico e o moderno: a crônica de Machado e João do Rio. **Conexão: Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 1, n. 2, p. 35-54, jul. 2002.